

Metodologias da impermanência em escuta, diálogo e criação: pesquisa e prática artística feminista

Isabel Porto Nogueira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – isabel.isabelnogueira@gmail.com

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO MÚSICA E GÊNERO: REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS E PRÁTICAS NA PRODUÇÃO SONORA DE MULHERES

Resumo: Este artigo pretende aprofundar, de forma poética e articulada com as epistemologias feministas e os estudos de gênero, a articulação entre os conceitos de escuta, diálogo e criação sonora. Através de uma apresentação e discussão das discussões musicológicas sobre os lugares generificados da música, busco apresentar um texto-manifesto que apresente relações entre subjetividades e teorias, para a construção de uma pesquisa artística feminista.

Palavras-chave: Epistemologias feministas. Criação sonora. Musicologia. Ativismo.

Methodologies of impermanence in listening, dialogue and creation: feminist artistic research and practice

Abstract: This article seeks to deepen, in a poetic and articulated way with feminist epistemologies and gender studies, the articulation between the concepts of listening, dialogue and sound creation. Through a presentation and discussion of the musicological discussions on the generalized places of music, I try to present a manifest text that presents relations between subjectivities and theories, for the construction of a feminist artistic research.

Keywords: Feminist epistemologies. Sound creation. Musicology. Activism.

1. Apresentação: um começo em movimento

O artigo que escrevo hoje é resultado das reflexões que venho desenvolvendo a partir dos meus estudos e pesquisas sobre musicologia, performance, práticas de escrita, ensino e criação musical, todas elas relacionadas aos estudos de gênero.

Minha intenção é pensar sobre as intersecções entre a pesquisa feminista e o desenvolvimento de estratégias de criação sonora de forma individual e coletiva, a partir das vivências e reflexões que tenho tido em coletivos feministas e trabalhos realizados de forma colaborativa com artistas sonoras e compositoras.

A partir da ideia de saberes localizados, delineio o lugar de onde eu falo: sou mulher cis heterossexual, branca, nascida no sul do Brasil, de classe média, professora universitária, pesquisadora, musicista, cantora, performer, compositora, mãe.

Minha formação aconteceu desde os oito anos, com o piano como instrumento principal, atravessada também pelas vivências em dança, teatro, escrita de poesias e diários. Fiz um curso universitário de piano em Pelotas, na cidade onde nasci, e fiz estudos de

doutorado em musicologia na Espanha, onde aprendi sobre estudos de gênero e aprendi também que minha branquitude não era assim tão branca como haviam me ensinado.

Em 1997, prestei concurso para a Universidade Federal de Pelotas e iniciei minha carreira acadêmica como professora e pesquisadora. Durante minhas pesquisas para a tese de doutorado, me dediquei a estudar as matriculas e os repertórios interpretados pelos alunos e alunas de piano do Conservatório de Música de Pelotas, no período de 1918 a 1968.

A partir destas reflexões e estudando também as fotografias de mulheres interpretes deste acerto, observei a grande presença de mulheres, mas em apenas alguns modos de fazer música, com acesso a alguns instrumentos e não outros, e com perfis determinados nas representações iconográficas.

Estas considerações fizeram todo o sentido ao me encontrar com as reflexões de Lucy Green sobre os lugares generificados na música, e a autora destaca que as mulheres cantoras ou instrumentistas estariam mais próximas de um padrão estabelecido e reconhecido de feminilidade, enquanto as mulheres que compõe ou improvisam estariam mais afastadas deste padrão. Incluo aqui as mulheres que trabalham com tecnologia, seja ela através do uso de computadores, pedais, equipamentos ou instrumentos eletrônicos (2001).

Durante quinze anos então, meus estudos se direcionaram à aspectos marcadamente históricos, analisando acervos iconográficos, histórias de vida de musicistas, programas de concerto e notícias publicadas em periódicos da cidade de Pelotas.

Durante o processo de leituras e pesquisas, fui observando a forma estruturante com que estes mecanismos se estabeleceram, e concordando com Margareth Rago, passei a perceber as epistemológicas feministas como lentes para ver a história, e percebi como muito importante para mim o desenvolvimento de um projeto artístico próprio.

Assim, retomei o trabalho como compositora e performer, vinculado à poesia e à experimentação sonora, priorizando práticas artivistas, e aliei esta prática às reflexões musicológicas e as práticas educativas que já vinha desenvolvendo.

Minhas bases de apoio para o desenvolvimento deste trabalho são, então, os estudos e pesquisas que desenvolvo como musicóloga, minha prática de performance e improvisação, as práticas como educadora, a participação em grupos e coletivos feministas e a relação com outras artistas em trabalhos colaborativos.

Este artigo se trata então de um manifesto-reflexivo em processo, sobre pesquisa artística feminista articulada com a escuta e o diálogo.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi importante perceber quatro pilares que para mim são fundamentais: o conceito de escuta profunda, desenvolvido por Pauline

Oliveros, abordar a temática a partir de teóricas, artistas e autoras mulheres, me perceber como parte do campo da pesquisa e buscar ouvir as vozes e a produção sonora de artistas mulheres.

Estes elementos me apontaram para a importância do diálogo, da conversa, do trabalho colaborativo ancorado na escuta das outras mulheres, e da realização de uma pesquisa informada pela prática artística, onde os processos são tão importantes quanto os produtos e o fazer da pesquisa tem uma relação intrínseca com os resultados.

Com base nestas premissas, fui delineando um texto-roteiro-manifesto fluído venho colocando em prática em trabalhos artísticos individuais e coletivos, workshops e projetos ativistas.

Vejo então, de forma entrelaçada, a necessidade de estudar os processos de construção de discurso, por meio de uma perspectiva musicológica, e a geração de questionamento destes mesmos discursos, através de uma atuação artística criativa e performativa.

bell hooks comenta sobre a importância de que a teoria esteja relacionada com a prática, e observa a força da imbricação entre arte e vida. Assim, observo uma indissociabilidade entre minha trajetória como pesquisadora e minha atuação artística, as redes e os temas de pesquisa, e emerge a necessidade de pensar as atuações cotidianas como parte dos processos e procedimentos de pesquisa, concebendo a teoria e a prática como indissociadas:

quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que esta experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra (hooks, 2013: 85-86).

Audre Lorde ressalta a ideia de que a linguagem criada para nos oprimir não será a mesma que vai nos libertar, e este pensamento me conduziu ao interesse pela experimentação, pelo uso da tecnologia e da improvisação, e do questionamento dos territórios das linguagens musicais.

Observando a pequena presença de mulheres nos cursos de música, percebi que o campo da música ainda não é percebido pelas mulheres como um campo seguro e acolhedor, principalmente nos cursos que envolvem criação. A partir da análise que desenvolvi com Tania Neiva sobre mulheres no campo da música experimental, percebemos que muitas delas tem sua formação nas artes visuais ou teatro, adquirem conhecimentos musicais através de amigos, da prática em bandas, na cultura punk e DIY, utilizam tecnologia, atuam como DJs

em lives e festas, constroem instrumentos através de componentes eletrônicos, Arduino ou hackeamento.

Através desta reflexão, tracei paralelos com meu trabalho sonoro e me aproximei da ideia da importância de fomentar modelos, buscar práticas de educação mais inclusivas, dentro e fora da universidade, realizar trabalhos colaborativos, valorizar o trabalho das mulheres através das mais diferentes estratégias.

No entanto, os elementos estruturantes que motivaram esta situação de silenciamento e exclusão não cessavam de me preocupar.

Conheci os conceitos de epistemicídio de Sueli Carneiro e feminicídios musicais, de Laila Rosa, e pensei em como se aplicavam ao meu cotidiano como professora universitária.

Trazendo comigo as palavras de bell hooks sobre a necessidade de uma escrita próxima de quem lê, e de levar as reflexões feministas ao maior número possível de pessoas, me dediquei a escrever textos breves na Linda Revista de Cultura Eletroacústica, publicada de forma online e editada por mulheres, durante o tempo em que atuo como colaboradora.

Para mim, se estabelecia então como indissociável a relação entre musicologia feminista, escuta, criação e performance, construindo um loop de sentidos onde o questionamento atua e reflete em minha própria produção artística.

Ao mesmo tempo, desenvolvi trabalhos em colaboração com artistas sonoras, performers e compositoras, em diferentes espaços de tempo e de diversas formas. Cito o trabalho em duo com a artista sonora Leandra Lambert no projeto Strana Lektiri, com enfoque na voz, sobre o qual desenvolvemos performances ao vivo e artigos. Com a compositora Ana Fridman, desenvolvi um trabalho chamado Cartas Sonoras para duas Compositoras, apresentado em três oportunidades no ano de ... (no Congresso Performa, no Congresso da ANPPOM e no Ciclo Sônicas, no Instituto de Artes da UFRGS).

Com a artista sonora Linda O Keeffe, desenvolvo um trabalho continuado desde 2017 onde trocamos cartas, escutas, gravações, impressões, e que motivou a sua residência artística no Brasil, um disco lançado pela gravadora Estranhas Ocupações e uma performance com o Grupo ECOAR, da EACH/USP.

Com a artista sonora Maia Koenig, realizei a gravação de um disco, lançado em 2018 pelo selo Sisters Triangla Records.

Cito ainda as colaborações com as artistas sonoras Sanannda Acacia e Bella, com as performers e criadoras Tania Neiva e Camila Zerbinatti, além da colaboração com as

artistas da Rede Sonora na performance em homenagem à musicista Mayara Amaral, no congresso da ANPPOM em 2017.

Todos estes trabalhos informam, de diferentes maneiras, as reflexões deste manifesto em processo, onde busco delinear cristais de uma pesquisa artístico-educativa feminista.

Foram muito importantes para mim os princípios epistemológicos básicos sobre o que é uma pesquisa feminista de Judith Cook e Mary Margaret Fonow, e cito:

escolha de mulheres e gênero como foco de análise; importância da conscientização; rejeição de sujeito e objeto (isto significa valorizar o conhecimento do participante como conhecimento especializado e reconhecer como a pesquisa valorizada como "objetiva" sempre reflete um ponto de vista social e histórico específico; preocupação com a ética (durante todo o processo de pesquisa e no uso de resultados de pesquisa), intenção de empoderar as mulheres e mudar as relações de poder e a desigualdade (Judith Cook e Mary Margaret Fonow, 1986)

De forma ampla, a articulação do conceito de escuta profunda, da forma como Pauline Oliveros aborda, tem sido uma inspiração constante para todos os aspectos do meu trabalho.

Pauline define que escutar é uma experiência ativa e voluntária, observando movimentos e texturas, onde as histórias e experiências de cada pessoa atribuem sentidos e significados. Defende que a escuta profunda pressupõe consciência, percepção do próprio lugar do seu corpo no mundo. Aborda ainda o processo de praticar a escuta destacando a compreensão de que as formas de onda complexas transmitidas continuamente ao córtex auditivo a partir do mundo externo pelo ouvido exigem um envolvimento ativo e atento.

bell hooks destaca a necessidade de desconstrução pelas próprias mulheres dos valores patriarcais nos quais foram ensinadas e dos quais automatizaram a continuidade.

essa base se apoiou em nossa crítica do que então chamávamos de “o inimigo interno”, em referência ao nosso sexismo internalizado. Sabíamos, por experiência própria, que, como mulheres, fomos socializadas pelo pensamento patriarcal para enxergar a nós mesmas como pessoas inferiores aos homens, para nos ver, sempre e somente, competindo umas com as outras pela aprovação patriarcal, para olhar umas às outras com inveja, medo e ódio. O pensamento sexista nos fez julgar sem compaixão e punir duramente umas às outras. O pensamento feminista nos ajudou a desaprender o auto-ódio feminino. Ele nos permitiu que nos libertássemos do controle do pensamento patriarcal sobre nossa consciência (hooks, 2018: 34).

Articulando estas considerações de hooks com o ativismo e a nossa atuação diária como artistas e pesquisadoras, concordo com Coelho e Costa quando definem ativismo feminista como:

O Ativismo Feminista é parte da concepção de arte como forma de questionamento, visibilidade e transformação social, no sentido de ressignificar o conceito de mulher, hegemonicamente construído pelo mundo masculino. Iremos analisar esse ativismo

“como um movimento de luta em prol da consolidação dos direitos das mulheres, em uma realidade que as inferioriza e tentam subalternizar o ser mulher e suas produções”. (Coelho e Costa, 2018: 26)

A seguir, teias de um manifesto em movimento.

2. Um manifesto poético-artivista-feminista impermanente e em construção

Meu processo de escrita é diário, logo ao acordar rabisco pensamentos e elementos em papéis soltos ou cadernos, grandes e pequenos.

Muitas vezes a escrita gira em torno do que aconteceu no dia anterior ou então do que pude sistematizar nas vivências artísticas ou na sala de aula.

Rabisco listas, poemas, aforismos, crônicas do dia a dia.

Letra de música, estruturas ou textura, listas do que fazer, desejos, planos, mapas de como meu pensamento se desenha.

Dentre todas estas, o pensamento sobre uma pesquisa artística feminista visita meu imaginário há algum tempo, e venho buscando articular estas estratégias em artigos, trabalhos, projetos, aulas e palestras.

Hoje desejo articular isto de uma outra forma, através de um manifesto impermanente.

Impermanente porque em construção, em movimento.

Ao analisar os processos, percebo que as mudanças são uma constante em minha vida, e com ela o fluxo do tempo, e os aprendizados sobre mim mesma que eles proporcionam.

Vivencio as desconstruções, teço voicings entre as camadas de tempo/pensamento.

Me permito uma escrita poética, porque neste momento percebo a necessidade da desconstrução das linguagens, e com ela a articulação das subjetividades em todos os âmbitos do processo.

Manifesto em movimento para uma pesquisa artística feminista

Esteja presente no momento.

E escute. Escute o lugar, o mundo, os materiais, o tempo, a si mesma.

Procure na vida o que te encanta.

Qual é a sua poesia?

Todo o conhecimento é situado: perceba sua trajetória, seu lugar no mundo e procure conhecer a história de vida e os propósitos de seus e suas parceiras de projetos/vida.

Valorize a sua subjetividade, cruze suas próprias fronteiras, encare a desconstrução como um processo necessário da vida: encontrar quem a gente é demanda transgressão. Vá além dos dogmas apreendidos, dos binarismos, dos esquemas reducionistas que não valorizam a sua subjetividade.

Busque todos os dias desconstruir o sexismo, o racismo e as estruturas de patriarcado que existem dentro de você mesma. Começa por cada uma de nós, sempre.

Estude, conheça, compartilhe conhecimento: se permita aprender com outras mulheres e também oferecer ajuda.

Escrever, crie, componha, crie poemas, mapas, desenhos.

Encontre sua própria linguagem: as armas que foram usadas para oprimi-la nunca servirão para libertá-la.

Ria, se divirta, não se leve tão a sério, desfrute o caminho: lembre-se sempre que os processos são tão importantes quanto os produtos

Ocupe lugares de protagonismo, valorize mulheres que ocupam lugares de protagonismo.

Busque todos os dias a auto aceitação, o auto perdão e desconstruir a autocrítica ferrenha e o auto ódio apreendidos.

Dialogue, aprenda com a outra, com as outras. Compartilhe seus processos, suas experiências, sua vulnerabilidade, pra que os outros possam aprender com isto, e você aprender enquanto fala.

Leia mulheres, escute mulheres, cite mulheres teóricas, veja mulheres artistas e ativistas: perceba a diversidade. Perceba que você não precisa seguir modelos, que os modelos são múltiplos e que sempre existiram muitas mulheres fazendo coisas incríveis.

Colabore com mulheres: trace teias, construa redes, convide mulheres para trabalhar com você, tanto artisticamente como em todos os níveis da produção.

Lembre-se de que o seu sofrimento não será recompensado: se esforce em sua desconstrução, mas evite chegar no sofrimento, o patriarcado nos ensinou isto por tempo demais.

3. Considerações finais, mas em trânsito

Lugar de fala, lugar de escuta, lugar de escrita, lugar de som.

Estes são os conceitos que venho articulando em minhas reflexões teóricas, práticas artísticas e atuação docente.

Reconhecer o lugar, o corpo, a voz, a própria escuta, e entender como elas se construíram.

Entender de onde a gente vem: quais nossos marcadores, nossas histórias, trajetórias, vivências cotidianas, nosso lugar no mundo, nossa subjetividade e como foi e é nosso processo de atribuir significados à elas.

Este ponto, embora seja o mais fundamental, não é fácil nem definitivo.

Está em trânsito, em movimento em contínuo processo de desconstrução e ressignificação.

Por isto, dentro desta metodologia, os processos são mais importantes do que os produtos.

É sobre desejo, escuta, vontade e experimentação

Por isto a impermanência.

Referências:

COSTA, Maria Alice e COELHO, Naiara. A(r)tivismo feminista – intersecções entre arte, política e feminismo. CONFLUÊNCIAS | Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito. Vol. 20, nº 2, 2018. 25-49.

GREEN, Lucy. Música, género y educación. Madrid: Ediciones Morata, 2001.

hooks, bell. O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

_____. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. Horizontes Antropológicos, 37, p. 25- 44: 2012.

NOGUEIRA, Isabel. Lugar de fala, lugar de escuta: criação sonora e performance em diálogo com a pesquisa artística e com as epistemologias feministas. Revista Vórtex, Curitiba, v.5, n.2, 2017, p.1-20.

OLIVEROS, Pauline. Deep listening: a composer's sound practice. New. York: iUniverse, Inc., 2005.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). MASCULINO, FEMININO, PLURAL. Florianópolis: Ed.Mulheres, 1998.

RAPOSO, Paulo. “Artivismo”: articulando dissidências, criando insurgências. Cadernos de Antropologia e Arte. Salvador, 4, 2015.

ROSA, Laila e NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. Revista Vórtex, 2015. Disponível em: http://www.revistavortex.com/rosa_nogueira_v3_n2.pdf. Acesso em 25/03/2016.